

# 1. Introdução

A vila de Cascais localiza-se na parte ocidental da Península de Lisboa (Figs. 1 e 2). A sua situação geográfica e climática foi desde sempre propícia à implantação de grupos humanos, sendo conhecidos vestígios de ocupação que remontam ao Paleolítico, como por exemplo, a jazida do Serigado (Cardoso, 1991; Gonçalves, 1995).

Não obstante a grande riqueza arqueológica do concelho, a transição das comunidades de caçadores-recolectores para as de agricultores não se encontra bem documentada. Os elementos disponíveis apontam para uma continuidade na ocupação esporádica do litoral para a pesca e recollecção de moluscos — Forte de Oitavos — enquanto que, no interior foram ocupadas zonas junto a ribeiros onde se praticou uma agricultura incipiente — Saibreira II e Louceira (Cardoso, 1991).

No período de transição do Neolítico para o Calcolítico ocorreu um grande aumento demográfico em Cascais; a descoberta dos povoados de Branqueiras, Louceira, Montrigo, Polima II e Parede apontam neste sentido (Cardoso, 1991).

A prática de inumações na região de Cascais encontra-se registada desde o Neolítico inicial, no interior da gruta de Porto Covo observou-se que os defuntos eram depositados em posição fetal com oferendas votivas de uso quotidiano. No Neolítico Final, para além de se proceder a inumações em grutas e cavidades naturais, foram construídas grutas artificiais (ou hipogeus) para albergar os corpos dos indivíduos destas comunidades — Alapraia e S. Pedro do Estoril. Durante o Calcolítico as grutas artificiais de S. Pedro do Estoril e Alapraia, bem como as grutas naturais do Poço Velho e de Porto Covo, continuaram a ser utilizadas como espaço funerário (Cardoso, 1991; Gonçalves, 1993, 1995). Do Calcolítico Final são conhecidas as inumações descobertas nas grutas II e IV de Alapraia e na gruta I de S. Pedro do Estoril. Nestas foram observadas sepulturas individuais onde o corpo era depositado em decúbito dorsal, caracterizando um novo tipo de ritual funerário.



FIG. 1 – A vila de Cascais na Península Ibérica (adaptado de Cardoso, 1991, p. 29).



FIG. 2 – Extracto da carta do concelho de Cascais (adaptado de Cardoso, 1991, p. 30).

## 1.1. Objectivos da investigação

A presente dissertação constitui a primeira abordagem antropológica sistemática realizada sobre o espólio osteológico humano exumado nas grutas do Poço Velho, em Cascais. Este é formado por um conjunto de ossos desarticulados, distribuídos por vários locais, que permitiu identificar a presença de numerosos indivíduos, sendo aqui analisado com o intuito

de se extraírem elementos que possam contribuir para uma melhor compreensão das características biológicas, demográficas e sociais dos grupos populacionais do Neolítico Final/Calcolítico da Estremadura.

Após a estimativa do número mínimo de indivíduos sepultados nestas grutas foi efectuado o estudo paleodemográfico, tendo sido estabelecidas a proporção sexual e a distribuição por classes etárias dos mesmos.

Seguiu-se a análise morfológica que revelou algumas características físicas destes indivíduos, entre as quais a estatura. Os resultados obtidos foram comparados, sempre que possível, com os de outros estudos que visaram populações coevas do nosso actual território.

Procedeu-se depois ao estudo paleopatológico que permitiu obter algumas ilações acerca do estado de saúde e das condições higiénico-sanitárias destes indivíduos.

## 1.2. Caracterização e localização das grutas do Poço Velho

Em 1895 as grutas localizavam-se “*nos arrabaldes da villa de Cascaes*” (Vasconcellos, 1895, p. 250). Actualmente, devido à pressão urbanística que se tem feito sentir em Cascais com o conseqüente aumento desta vila desde as últimas décadas, as grutas situam-se já no centro da vila, junto ao Jardim do Visconde da Luz, no denominado Largo das Grutas. Ocupam a base duma escarpa de rocha cretácea que se ergue a curta distância da margem direita da ribeira de Cascais (Figueiredo e Paço, 1942; Paço et al., 1959; Pereira, 1915, 1916). A rocha calcária, quase cortada verticalmente, apresenta três galerias principais com muitas outras mais pequenas que derivam para os lados formando estreitos corredores (Fig. 3). No lado Norte, encontram-se as duas entradas principais. As grutas formam uma só caverna com várias entradas, existindo um poço junto à boca das mesmas, sendo conhecidas por isso mesmo por *Furnas do Poço Velho* (Paço et al., 1959; Pereira, 1915, 1916). Têm cerca de 60 metros de extensão e orientam-se no sentido Noroeste-Sudeste, chegando algumas salas a atingir os seis metros de altura.

No interior das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> furnas foram recuperadas numerosas ossadas humanas associadas a um vasto espólio votivo constituído essencialmente por cerâmicas, artefactos líticos e objectos de adorno (Paço, 1942, 1964; Pereira, 1915, 1916). Na 1.<sup>a</sup> furna não foram recolhidos ossos humanos. A cerâmica e os ossos — humanos e de animais — encontrados estavam completamente desordenados, tendo sido descobertos a uma profundidade mínima (Mendes, 1968).

Entre os artefactos recolhidos contam-se pontas de seta, “alabardas” e lâminas de sílex, enxós, machados e goivas de pedra polida, diversos utensílios em osso e recipientes de cerâmica, alguns dos quais com

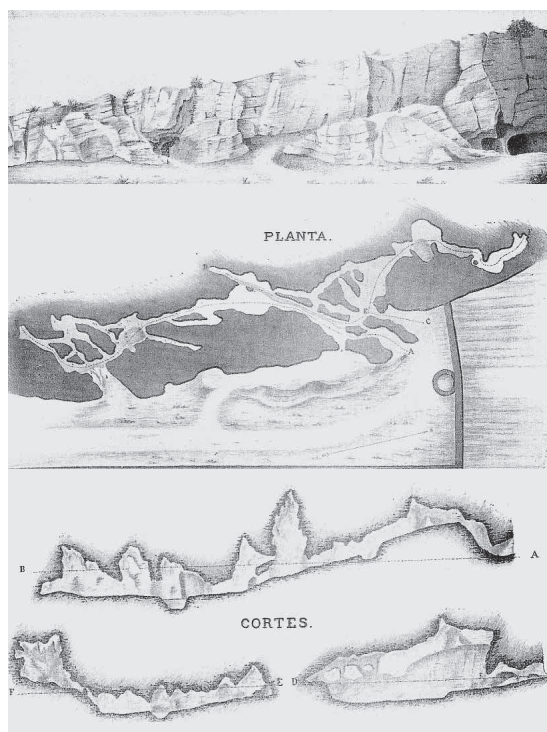


FIG. 3 – Vista geral, planta e cortes das grutas do Poço Velho (adaptado de Paço, 1942, p. 46).

decorações incisas e a pontilhado. Em relação aos objectos votivos recolheram-se ídolos cilíndricos de gola, em osso, cilindros e outras peças em calcário (lúnula e enxó encabada), e ainda várias placas de xisto (Paço, 1942, 1964; Paço et al., 1959).

As grutas do Poço Velho situam-se numa zona de grande riqueza e diversidade arqueológica, tendo as condições geográficas e climatéricas da Península de Lisboa desempenhado um papel importante nas alterações operadas durante a passagem do IV para o III milénio a.C. A abertura em relação às diversas inovações e aos contactos culturais, como as influências megalítica alentejana, almeriense e mediterrânica, foram responsáveis pela diversidade dos materiais arqueológicos descobertos e dos sítios conhecidos. Todavia, o substrato indígena foi muito forte (Gonçalves, 1995).

### 1.3. Historial das intervenções

---

As primeiras escavações de cariz arqueológico conduzidas pelo geólogo Carlos Ribeiro, decorreram entre Março e Abril de 1879, as quais revelaram a existência de uma necrópole que foi utilizada durante o Neolítico Final/Calcolítico, constituindo um importante sítio funerário da Pré-História (Paula e Oliveira, 1889; Vasconcellos, 1895, 1896, 1897, 1898). Acerca das escavações Carlos Ribeiro redigiu apenas umas parcas notas sobre os achados (Paço, 1942). Deste modo, não há referências sobre os rituais de inumação, modo de deposição dos defuntos e relação destes com os objectos encontrados, o que torna inviável o estudo dos gestos e rituais funerários dos indivíduos exumados nestas grutas.

O espólio recolhido foi depositado nos antigos Serviços Geológicos de Lisboa, não tendo este investigador levado a cabo o seu estudo e publicação por ter falecido três anos após a conclusão da escavação (Paço, 1942; Paula e Oliveira, 1888, 1889).

Em 28 de Setembro de 1880 as grutas foram visitadas pelos membros do *IX Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique*, que se realizou em Lisboa (Paço, 1942; Pereira, 1915, 1916).

O arqueólogo francês Cartailhac escreveu a primeira notícia sobre as grutas. Paula e Oliveira e Estácio da Veiga foram alguns dos arqueólogos portugueses que estudaram o passado de Cascais e dos seus arredores, nomeadamente as grutas do Poço Velho. Todavia não se debruçaram de forma sistemática sobre o estudo da sua cultura material e muito menos sobre o espólio osteológico (Paço, 1942).

As grutas foram ainda mencionadas nas investigações de Félix Alves Pereira, Vergílio Correia, Nils Åberg, Mendes Corrêa, Bosch Gimpera, Pericot, Perez de Barradas, Manuel Heleno, Afonso do Paço, Jalhay, entre outros. Todos eles reconheceram a importância do espólio recolhido para o conhecimento das populações do passado (Paço, 1942).

Em Maio de 1895 José Leite de Vasconcellos teceu vários comentários sobre o estado deplorável do interior das grutas e sobre o esquecimento deste lugar, propondo à Câmara Municipal de Cascais algumas medidas de conservação (Pereira, 1915, 1916; Vasconcellos, 1895, 1896). A mesma procedeu à limpeza do local e aprovou um orçamento para a construção de uma grade que vedasse o acesso às grutas para evitar actos de vandalismo (Paço, 1942). Este investigador ainda propôs a colocação de uma tabuleta que indicasse aos curiosos a existência deste local arqueológico e a distribuição de informação sobre a sua importância, prevendo ainda visitas guiadas às suas galerias subterrâneas. O projecto não passou das intenções (Paço, 1942).

Em 1935 as grutas são revisitadas por Jalhay com um grupo de alunos da alta sociedade de Cascais (Paço, 1942).

Em 1946 e 1947 foram recolhidos diversos materiais arqueológicos durante as limpezas efectuadas para a conservação e iluminação destas grutas, tendo os trabalhos sido executados sob a direcção do Eng. Abreu Nunes, presidente da Junta de Turismo de Cascais (Nunes, 1949; Paço et al., 1959). Posteriormente foram realizadas apenas algumas acções de limpeza das grutas, não sendo conhecidas eventuais descobertas de artefactos e de ossos humanos.

#### 1.4. Cronologia da necrópole

As grutas do Poço Velho foram utilizadas, presumivelmente, desde o Paleolítico superior até à Idade Moderna, tendo sido aproveitadas para a prática de inumações humanas no Neolítico Final (Cardoso, 1991) e no Calcolítico (Gonçalves, 1995).

Os artefactos mais significativos provêm dos períodos em que as grutas foram utilizadas como necrópole. Dada a dificuldade em distinguir os materiais do Neolítico Final/Calcolítico devido à antiguidade das escavações realizadas e à inexistência de dados sobre as metodologias e condições de escavação, esta distinção apenas pode ser efectuada a partir da tipologia dos materiais, pressupondo que ocorreu uma continuidade na utilização das grutas como espaço sepulcral durante o Neolítico Final/Calcolítico (Gonçalves, 1995).

Duas datações absolutas, apresentadas na Tabela 1, foram efectuadas a partir de ossos humanos exumados (Gonçalves, 2003). A sua leitura permite concluir que se trata de ossos da 1.<sup>a</sup> metade do III milénio a.C. Para além disto existem materiais arqueológicos eventualmente característicos do Neolítico Final. Por isso, podemos supor que as grutas do Poço Velho serviram de sepulcro desde o final do IV milénio até à 1.<sup>a</sup> metade do III milénio antes da nossa Era.

#### TABELA 1

Cronologia absoluta das grutas do Poço Velho (adaptado de Gonçalves, 2003, p. 298).

Referência	Origem	BP	cal BC 1 $\sigma$	cal BC 2 $\sigma$
OxA-5533	Osso humano	4245±55	2910-2710	2920-2630
OxA-5532	Osso humano	4090±55	2860-2500	2870-2470